

CORPOREIDADE E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA REFLEXÃO SOBRE O SER EM MOVIMENTO

Denise Ferraz Lima Veronezi¹

Higor Thiago Feltrin Rozales Gomes²

Carolina Parra Beneti³

Resumo:

A corporeidade, definida como a experiência e a consciência do corpo humano, permeia diversas áreas da vida, incluindo a Educação Física. Compreendê-la é crucial para a saúde física e mental, pois influencia na percepção, vivência e cuidado com o corpo, além de moldar a identidade, autoestima e relações interpessoais. Este estudo, fundamentado na obra de Michel Foucault e na responsabilidade da Educação Física em relação ao corpo, busca investigar a visão de pensadores e estudiosos sobre a corporeidade e sua relevância no ensino e aprendizado da área. Através de revisão bibliográfica qualitativa, exploramos diferentes plataformas de pesquisa, utilizando como descritores "Corporeidade", "Corpo" e "Educação Física". Os resultados evidenciam a complexa natureza do corpo, que transcende a mera estrutura anatômica e se manifesta em diversas camadas que o conectam ao mundo. Essa compreensão desafia a visão reducionista da Educação Física que se limita ao aspecto biológico e mecânico, ignorando a multiplicidade do ser humano. A implementação do conceito de corporeidade na formação de novos profissionais de Educação Física é fundamental para o desenvolvimento integral dos alunos, considerando suas diversas dimensões e potencialidades. Essa abordagem permite trabalhar o corpo em sua plenitude, reconhecendo sua influência no indivíduo e na sociedade.

Palavras-chave: aprendizagem; corpo; corporeidade; Educação Física; ensino;.

Abstract:

Corporeality, defined as the experience and consciousness of the human body, permeates several areas of life, including Physical Education. Understanding it is crucial for physical and mental health, as it influences perception, experience and care for the body, in addition to shaping identity, self-esteem and interpersonal relationships. This study, based on the work of Michel Foucault and the responsibility of Physical Education in relation to the body, seeks the vision of thinkers and scholars on corporeality and its relevance in teaching and learning in the area. Through a qualitative literature review, we explored different research platforms, using the descriptors "Corporeity", "Body" and "Physical Education". The results highlight the complex nature of the body, which transcends the mere anatomical structure and manifests itself in the various layers that connect it to the world. This understanding challenges the reductionist view of Physical Education that is limited to the biological and mechanical aspect, ignoring the

¹Centro Universitário de Votuporanga (Unifev). Votuporanga, São Paulo, Brasil. Graduação em Educação Física. Mestrado em Pedagogia do Movimento Humano. Email: deniseveronezi@gmail.com.

²Centro Universitário de Votuporanga (Unifev). Votuporanga, São Paulo, Brasil. Graduação em Educação Física. Mestrado em Educação. Email: higor.thiago@gmail.com.

³Centro Universitário de Votuporanga (Unifev). Votuporanga, São Paulo, Brasil. Graduação em Educação Física. Email: carolinabeneti@hotmail.com.

multiplicity of the human being. The implementation of the concept of corporeality in the training of new Physical Education professionals is fundamental for the integral development of students, considering their different dimensions and potential. This approach allows you to work on the body to its fullest, recording its influence on the individual and society.

Keywords: body; corporeality; learning; Physical Education, teaching.

INTRODUÇÃO

O corpo está presente em todos os momentos e lugares da nossa vida, sendo essencial para a nossa existência. Portanto, falar sobre o corpo é falar sobre corporeidade, que é a base fundamental para conhecermos e entendermos nosso lugar como seres humanos ampliados e multifacetados, sem nos limitar a dicotomias culturais. Compreender nossa complexidade é perceber que nunca estamos sozinhos, pois vivemos sempre em consonância com a existência de toda a humanidade (Merleau-Ponty, 1999).

Tendo isso em mente, na antiguidade, o filósofo e matemático Platão (428-347 a.C.) apresentou uma ideia de corpo em dimensão inferior, fazendo contraponto com a alma. As atividades de intelecto eram mais bem vistas e tratadas como nobres e as braçais eram redesignadas às classes inferiores (Platão *apud* Dumont; Preto, 2005).

Sobretudo, algo que nos faz pensar sobre a real e contemporânea amplitude do nosso corpo é o atual conceito de saúde que, segundo o Ministério da Saúde, a Organização Mundial de Saúde define como: estado total de satisfação e bem-estar seja de forma física - muscular, óssea e entre outros – como mental e social. Ou seja, estar saudável não se restringe apenas a ausência de doenças, depende também da completude do “se sentir bem” psicologicamente e fisicamente (Brasil, 2021).

Pensando nessas informações, ao observar e comparar a forma como tratamos nosso corpo ao longo dos anos e na modernidade, percebemos a constante importância de refletir sobre o verdadeiro alcance de nossas possibilidades e realidades corporais, especialmente no contexto da Educação Física.

Santin (2001) afirma que, nos tempos antigos, o corpo era visto apenas como um receptáculo temporário para uma alma aprisionada. Desde Descartes, o corpo tem sido considerado um requisito lógico para a existência de um eu pensante. Atualmente, no entanto, filósofos, psicólogos, historiadores, sociólogos, teólogos, linguistas, comunicadores, políticos,

poetas e artistas mostram um interesse crescente pelo estudo do corpo como algo que transcende seu estado físico.

Com isso em mente, utilizaremos o tema da corporeidade para refletir sobre nosso corpo e suas potencialidades na Educação Física. Segundo Moraes (2001), há uma diferença significativa entre observar um objeto em um laboratório para desvendar sua estrutura anatômica e fisiológica e voltar-se para o corpo que somos e vivenciamos dentro da complexa visão da existência.

Para conduzir esta pesquisa, abordaremos diversas questões relacionadas ao corpo: O que é o corpo? Nosso corpo é algo estritamente físico? O que é descorporalização e corpos dóceis? O que é corporeidade e qual é seu papel e importância no ensino e aprendizagem da Educação Física?

Nosso objetivo geral é orientar a pesquisa e definir a natureza do trabalho (Gonsalves, 2003). Especificamente, pretendemos dissertar sobre o corpo ao longo do tempo e espaço, bem como dentro de nós mesmos. Investigaremos e refletiremos sobre as considerações de pensadores e estudiosos a respeito da corporeidade, além de sua relação e importância no ensino e aprendizagem da Educação Física.

Ao final, esperamos confirmar as hipóteses de que o corpo é mais do que um elemento físico, funcionando como uma junção de todos os nossos sentidos. Também buscamos evidências de que a descorporalização interfere diretamente na forma como conduzimos nossas relações interpessoais e sociais. Além disso, pretendemos reafirmar a necessidade de estudar e disseminar a vivência da corporeidade entre os profissionais de Educação Física.

Para isso, adotaremos uma metodologia qualitativa, reunindo diferentes perspectivas de diversos autores sobre o tema, com o intuito de compreender e refletir sobre os conceitos de corpo, corporeidade e corporeidade na Educação Física.

1 METODOLOGIA

O presente trabalho apresenta-se com uma finalidade básica estratégica e objetivo descritivo. Por sua vez, a abordagem se fez de forma qualitativa, pois “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão” (Silveira; Cordova, 2009, p. 31).

O foco de procedimento de pesquisa foi o bibliográfico que, segundo Gonsalves (2003, p. 36) caracteriza-se “pela identificação e análise dos dados descritos em livros, artigos de revistas, dentre outros. Sua finalidade é colocar o investigador em contato com o que já se produziu a respeito do seu tema de pesquisa”. Para amplificar o levantamento de dados e fontes valiosas e úteis utilizaram-se também contatos diretos com autores e professores que transpassam o tema estudado.

A pesquisa se enquadra no domínio científico, que tem por propósito o exame detalhado e investigação, utilizando procedimentos científicos, com a finalidade de resolver um problema (Silveira; Cordova, 2009).

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O corpo

Ao consultar o conceito de corpo no dicionário Michaelis (2015), encontramos que, segundo a anatomia, o corpo é definido como um "conjunto de elementos físicos que constitui o organismo do homem ou do animal, formado por cabeça, tronco e membros". Adicionalmente, o corpo é descrito como "a estrutura física de uma pessoa". Assim, percebe-se que, nessa perspectiva, o corpo é entendido como algo estritamente físico e anatômico, sem qualquer conotação efêmera ou sensitiva.

Entretanto, se pensarmos bem, nossa existência não se resume em um sistema maquinico fisiológico, como se pensava o cartesianismo da Idade Moderna (Silva; Zoboli; Lisboa, 2014). Vemos nosso corpo como nossa casa e nossa presença na sociedade. Logo, cogitar que corpo é somente um esquema anatômico em 3D que um dia pode ser dissecado, é esquecer todas as nossas complexidades psicológicas, emocionais e espirituais.

O contato e diálogo que temos com o nosso corpo acontece de forma muito orgânica, sem regras ou organizações. “Difícilmente alguém se pergunta sobre o significado do próprio corpo” (Santin, 2002, p. 53). Isso ocorre, pois somos uma construção identitária que não segue protocolos gerais, nossos protocolos são individuais e dependem de uma estrutura social a qual não somos sujeitos e desconhecemos (Montagner, 2006). Dessa forma, “o corpo de cada indivíduo de um grupo cultural revela, assim, não somente sua singularidade pessoal, mas

também tudo aquilo que caracteriza esse grupo como uma unidade” (Gonçalves, 2001, p. 13).
Pensando ainda sobre a unidade corporal como reflexo da unidade social:

Moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento, etc. Antes de qualquer coisa, a existência é corporal (Le Breton, 2007, p.7).

Sobretudo, pensando nas possibilidades que nosso corpo nos permite, chegamos na premissa que não há nenhuma determinação quanto a isso. Ou seja, não sabemos o que podemos ou não fazer ou até onde conseguimos chegar. Ninguém na história foi capaz de conhecer e explicar todas as nossas funções a fim de traçar um claro limite do que podemos ou não podemos alcançar (Espinosa, 2007).

Em concomitante a isso, em discussão com a bailarina, coreógrafa e pesquisadora Dani Lima, Mosé (2009) manifesta que o corpo é algo ligado a tudo e responde também a tudo. Que o cérebro é apenas um seguimento que atua como um processador, recebendo as informações que os nossos sentidos coletam, processando-os e encaminhando devidas respostas necessárias. Ademais, afirma que “valorizar o corpo é valorizar, não um suporte de exercício de poder e exercício social, mas valorizar a porção da vida que eu trago em mim”. Assim, ela traz uma visão de superpotência do conceito de corpo que abrange toda e qualquer fração de existência que temos no mundo.

2.2 A corporeidade

Não tem como falarmos e refletirmos sobre o corpo sem falar sobre a corporeidade. Segundo Moreira (2003), corporeidade é aquilo que nos faz perceber que a vida é algo unitário e não dual. Tudo está interligado, nós todos estamos interligados. Corporeidade é o que vivemos a todo instante e em todos os espaços. É toda a relação do eu com o mundo e do mundo com o eu.

Sobretudo, “corporeidade é um conceito abstrato, indica a essência ou natureza dos corpos” (Santin, 2002, p. 52), ou seja, é um termo difícil de ser explicitado de forma única e objetiva. Ainda sobre seu significado:

A análise dos significados de corporeidade construídos pela filosofia e pelas ciências nos mostra a visão do conhecimento racional e científico do corpo, o que nem sempre corresponde a corporeidade vivida no cotidiano das pessoas. O importante é buscar o significado da corporeidade socializada (Santin, 2002, p. 53).

A evolução do pensamento filosófico da corporeidade é recente, vemos que se inicia um maior interesse e procura por esse assunto a partir do século em que estamos. Isso, devido aos antecedentes de pensadores como Platão e Hegel que distanciavam o finito e o mutável (Goncalves, 2001). Esse panorama dualista, segundo Gallo e Zeppini (2016) é o principal fato que incentiva o atual momento que passamos com a febre do “culto ao corpo”, onde o tratamos como um objeto que precisa ser saudável, melhorado e moldado. Não se importando com a mente.

No saber moderno, pensadores veem estudar a corporeidade como meio de entender as ações e ligações humanas no cotidiano. O sociólogo e antropólogo Le Breton (2007) disserta sobre o termo sociologia do corpo que se firma especialmente no estudo e compreensão do fenômeno corporeidade que, segundo ele:

[...] tecem a trama da vida cotidiana, das mais fúteis ou das menos concretas até aquelas que ocorrem na cena pública, envolvem a mediação da corporeidade; fosse tão-somente pela atividade perceptiva que o homem desenvolve a cada instante e que lhe permite ver, ouvir, saborear, sentir, tocar e, assim, colocar significações precisas no mundo que o cerca (Le Breton, 2007, p. 7).

Adentrando na epistemologia, a corporeidade nos permite utilizar a existencialidade para compreender o homem. Dessa forma, podemos nos organizar em diferentes formatos para processar os conhecimentos e nossas convivências sociais, o que pode vir a corroborar com o surgimento de novos ângulos para o fenômeno educativo. Tal qual, pode vir a nos permitir meios ainda inexplorados de educar e reeducar (Moreira; Simões, 2016).

2.3 Os corpos dóceis e a descorporalização

Ao discutir a influência da sociedade sobre nossos corpos, é necessário remeter-se à obra "Vigiar e Punir" e ao conceito de corpos dóceis de Foucault (1987). Nesse trabalho, o filósofo discorre sobre o corpo como objeto das relações de poder, afirmando que, devido a essas relações, nosso corpo é submetido e domesticado para ser aperfeiçoado, como uma máquina. Esse processo ocorre conforme as necessidades mercantis e outros poderes sociais que atuam sobre nós, impondo limitações, obrigações, metas e proibições.

Revista Unifev: Ciência & Tecnologia – Unifev. Votuporanga-SP., v. 4, n. 1, 2024.

O filósofo Foucault (1987) descreve a disciplina como uma aparelhagem de controle da sociedade que atua sobre os corpos como indivíduos, visando sua docilidade e acordo com os padrões estabelecidos pelo poder em dominação.

Houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo — ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam. O grande livro do Homem-máquina foi escrito simultaneamente em dois registros: no anátomo-metafísico, cujas primeiras páginas haviam sido escritas por Descartes e que os médicos, os filósofos continuaram; o outro, técnico-político, constituído por um conjunto de regulamentos militares, escolares, hospitalares e por processos empíricos e refletidos para controlar ou corrigir as operações do corpo. Dois registros bem distintos, pois tratava-se ora de submissão e utilização, ora de funcionamento e de explicação: corpo útil, corpo inteligível (Foucault, 1987, p. 125-126).

E, realmente, se repararmos, ao longo do processo de civilização do homem moderno ocidental o corpo sofreu uma grande instrumentalização devido às mudanças acarretadas pelo capitalismo e a industrialização em massa das cidades, trazendo conseqüentes e drásticas mudanças de estilo de vida (Gonçalves, 2001). Todo esse processo Foucault (1987) explica como sendo o principal alicerce do sistema capitalista e sua estruturação de produção do homem produtivo.

Alguns outros autores também discutem o conceito de "corpos dóceis", aumentando assim as reflexões sobre os métodos de controle e normatizações exercidas pela e sobre a sociedade. Alguns deles incluem Butler (2003), com seus estudos acerca da performatividade de gênero e a obra do corpo dentro das condutas sociais. Ainda sobre, ela diz que todos os nossos atos são performativos, onde suas essências, apesar da pretensão, são fabricadas de forma manufaturada com um discurso simplesmente social e público.

Ou seja, apesar de acreditarmos que nossas vontades e decisões são puras, isso tudo é fantasioso, fruto da criação que somos de sociedade em que vivemos. Dessa forma, respondemos como indivíduos fabricados e com planos fantasiosos.

Por sua vez, essa instrumentalização humana é vista também como uma descorporalização que por sua vez:

Significa, por um lado, que, ao longo do processo de civilização, em uma evolução contínua da racionalização, o homem foi tornando-se, progressivamente, o mais independente possível da comunicação empática do seu corpo com o mundo, reduzindo sua capacidade de percepção sensorial e aprendizado, simultaneamente, a controlar seus afetos, transformando a livre manifestação de seus sentimentos em expressões e gestos formalizados (Gonçalves, 2001, p. 17).

Toda essa informação discutida, quando considerada em conjunto, evidencia o quanto nos distanciamos da nossa verdadeira conexão com o próprio corpo, bem como de nossas reais necessidades, emoções e desejos. Observa-se a urgência de retomar o controle sobre nossas decisões e de disseminar essa consciência entre os jovens. É essencial que eles percebam seu corpo como algo que não precisa ser completamente moldado pelos desejos da sociedade, influenciado pela publicidade, pelo comércio e pela política.

2.4 A corporeidade na educação física

Vamos agora compreender a relação que a corporeidade exerce na educação. Considerando que ambos lidam com o movimento em si, Moreira e Simões (2016, p. 140) destacam que “conhecer-se, relacionar-se com outros, mudar, movimentar-se buscando superações ou transcendência é ter atitudes calcadas na vivência da corporeidade”. Eles levantam a questão sobre o papel do profissional de Educação Física, que é responsável por ensinar questões relacionadas à percepção e conhecimento do próprio corpo. Isso evidencia a necessidade de transmitir o conceito e o sentido de corporeidade nas aulas.

Os profissionais de educação física, em seu fazer pedagógico, necessitam informar as pessoas para que percebam a corporeidade. Na escola, por exemplo, a criança vai para aprender matemática, história, geografia e outras áreas, de conhecimento intelectual em disciplinas afins. Mas, até hoje, não vai para aprender motricidade nem mesmo educação corporal, temas propícios para ensinar das crianças a serem mais sensível, a conviverem melhor, a não se esquecerem do corpo que são (Moreira; Simão, 2016, p. 139).

Quando pensamos no ensino da educação física hoje em dia, vemos que este não tem a mesma importância equiparada aos outros ensinamentos, isso advém da forma como é conduzido o conhecimento de forma padronizada. De forma que, quando a transmissão do conhecimento se eleva ao seu patamar ideal e real de liberdade e individualidade - tais como nossos corpos são por natureza – o seu lugar de conceito dentro do cenário de pesquisa e aprendizagem será maior (Freire, 2002).

O ensino da Educação Física, como o próprio nome diz, nada mais é do que educação do corpo, educar os indivíduos quanto ao seu corpo, aprendizagem humana (existencial) de como ser e existir como homem no mundo. “Falar de uma educação do corpo é explicitar a corporeidade” (Moreira; Chaves; Simões, 2017). Assim sendo, devemos colocar a corporeidade

como centro da formação dos profissionais de educação física, pois a realidade corporal é o eixo que define o homem (Merleau-Ponty, 1999).

Todo esforço educativo da e, assim, a Educação Física – deve estar engajado numa práxis que vise a construção histórica de um mundo mais humano, em que os homens possuam autonomia e liberdade para auto-realizar-se e ser sujeito de sua história social (Gonçalves, 2001, p. 95).

Para salientar mais ainda a importância de implantar, na educação, essa visão mais ampla de corpo, pensaremos em como o corpo é apresentado hoje em dia. Segundo Freire e Dantas (2012), o interesse como o corpo na contemporaneidade se baseia em uma preocupação que se restringe a parâmetros como saúde, beleza, sexualidade e a busca por correções físicas, desencadeando desenfreadamente o consumismo e a crescente procura por tratamentos de beleza e cirurgias plásticas. De forma que, o corpo se transforma em um mero acessório, onde podemos mudar seu design, criando a encenação de identidades visuais que enxergamos ser mais favoráveis e aceitas de forma muitas vezes radicais (Le Breton, 2003, p. 22).

Ou seja, estamos inseridos em um mundo onde a aparência física é fator determinante socialmente falando. E quando se pensa em corpo, se pensa em aparência, pois passou a ser seu fator mais importante. Isso que é passado culturalmente para nossos jovens, e essa é a forma que eles encararão o corpo se nada mais for ensinado a eles (Freire; Dantas, 2012).

Nesses moldes, percebemos a dimensão física, sensorial, emocional, social e cultural que a sociedade e a educação física podem influenciar no desenvolvimento de cada indivíduo. Principalmente quando falamos da educação de crianças e jovens, a Educação física desempenha um papel importantíssimo na disseminação do conhecimento sobre seu próprio corpo sem se equiparar com o corpo dos outros. Entender suas próprias limitações e seus próprios limites, conhecendo também seus melhores pontos e aceitando seus defeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando estudamos o corpo humano e a Educação Física, deparamo-nos com uma vasta gama de possibilidades. Diversos caminhos podem ser trilhados, resultando em inúmeras conclusões, já que nós e o mundo estamos em constante transformação.

Assim, o principal objetivo deste trabalho foi refletir, investigar e dissertar sobre as potencialidades do corpo no mundo. Percebemos que o culto ao corpo estritamente físico e

relacionado apenas à aparência é apenas uma das várias formas de se compreender o corpo. Um estudo mais abrangente desse corpo dentro da Educação Física é essencial.

Quando entendemos que o corpo é constituído por diferentes fatores (mentais, históricos, físicos, genéticos...), que interage com o ambiente e absorve tudo ao seu redor, percebemos que a corporeidade é essa conexão e comunicação do corpo com o mundo. Ela explica quem somos e por que somos, pois é através do corpo que sofremos influências do espaço e, com base nessas influências, decidimos mudar ou não de espaço, formando um ciclo contínuo de interações.

Nossos objetivos específicos foram alcançados ao constatar que, cada vez mais, os estudiosos da área da Educação Física reconhecem a necessidade de estudar e aplicar a corporeidade em seus trabalhos e estudos. Essa abordagem abrangente do corpo é a melhor forma de fazer os indivíduos contemporâneos entenderem seu verdadeiro lugar no mundo, libertando-os de crenças muitas vezes distorcidas sobre o corpo. Trabalhar todas as potencialidades do corpo nos ajuda a evitar a descorporalização e a perceber nossos sentimentos, emoções e interconexões.

Confirmamos, portanto, nossas hipóteses de que o corpo é mais do que um elemento físico; ele é uma junção de todos os nossos sentidos. É essencial estudar e disseminar a vivência da corporeidade, especialmente entre os Profissionais de Educação Física, para abordar as aulas de forma a explorar ao máximo as capacidades dos corpos. Isso significa quebrar barreiras não apenas físicas, mas também aprimorar movimentos, decisões, ações e percepções dos alunos de maneira integrada.

Em conclusão, tudo no mundo está interligado, inclusive nosso corpo. Cada influência desencadeia outra, e estamos no centro desse processo, devendo aproveitar ao máximo nossas potencialidades e completude. O profissional mais apto a disseminar esse conhecimento é o de Educação Física. Portanto, é crucial que a formação desses profissionais inclua o estudo da corporeidade, proporcionando aos alunos uma compreensão profunda da intencionalidade de cada movimento e ação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **O que significa ter Saúde?** Secretaria de vigilância em saúde. Brasília: Distrito Federal, 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-brasil/eu-quero-me-exercitar/noticias/2021/o-que-significa-ter-saude>>. Acesso em: 30 março 2024.

Revista Unifev: Ciência & Tecnologia – Unifev. Votuporanga-SP., v. 4, n. 1, 2024.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DUMONT, Adilson.; PRETO, Édison Luis de Oliveira. A visão filosófica do corpo. **Escritos educ.**, Ibité, v. 4, n. 2, p. 7-11, dez. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-98432005000200002&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 16 maio 2024.

ESPINOSA, Baruch. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

FRANKEN, Josiane. Reflexões e reflexos do sistema Laban/Bartenieff na prática docente em dança. **Cena em Movimento**, Rio Grande do Sul, n. 3, outubro de 2013.

FREIRE, João Batista. Métodos de confinamento e engorda (como fazer render mais porcos, galinhas, crianças...) In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). **Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papirus, 2002.

GALLO, Silvio.; ZEPPINI, Paola Sanfelice. O que pode um corpo: perspectivas filosóficas para a corporeidade. In: MOREIRA, Wagner Wey; NISTA-PICCOLO, Vilma Leni (orgs.). **Educação física e esportes no século XXI**. Campinas: Papirus, 2016.

GONCALVES, Maria Augusta Salim. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2001.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2003

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. **Corpo**. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/corpo/>>. Acesso em: 28 março 2024.

MONTAGNER, Miguel Angelo. Pierre Bourdieu. O corpo e a saúde: algumas possibilidades teóricas. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11 n. 2, p. 515-526, 2006.

MOREIRA, Wagner Wey. Corporeidade é!!!!!!!: **croniqueta 27** – produzida na atual forma em 27-01-2003. In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). **Croniquetas: um retrato 3X4**. Piracicaba: Unimep, 2003.

MOREIRA, Wagner Wey; CHAVES, Aline Dessupolo; SIMÕES, Regina Maria. Corporeidade: uma base epistemológica para a ação da Educação Física. **Motrivência**, São Carlos, v. 29, n. 50, p. 202-212, 2017.

MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina Maria. Educação física, esporte e corporeidade: associação indispensável. In: MOREIRA, Wagner Wey; NISTA-PICCOLO, Vilma Leni. (orgs.) **Educação física e esportes no século XXI**. Campinas: Papirus, 2016.

MOSÉ, Viviane. **O que pode a palavra?** Café Filosófico, TV CULTURA, 2008. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YuQ8sXoTCbQ>> Acesso em: 15 abril 2024.

SANTIN, Silvino. O corpo simplesmente corpo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 7, n. 15, p. 57-73, 2001.

SANTIN, Silvino. Perspectivas na visão da corporeidade. In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). **Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papirus, 2002.

SILVA, Monara Santos; ZOBOLI, Fabio; LISBOA, Adonis Marcos. O corpo cartesiano e o corpo da complexidade: tensões e diálogos sobre a educação escolar. **EFDeportes.com - Revista Digital**, Buenos Aires, Ano 18, n. 190, mar. 2014.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CORDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.